

Boavista: os desafios do progresso

Voltar à Boavista proporciona-me emoções muito fortes. Talvez isso leve-me a pensar que esta ilha não só representa a medida do que nos falta, como também da nossa força, do que podemos quando, enfrentando inúmeros obstáculos, começamos a andar.

Ilha pequena de gente simpática e perseverante, amante de música e de dança. Um pedaço da nossa terra que contempla embevecida o sol ainda débil do progresso. Para os boavistenses, o seu desenvolvimento avança aos solavancos, enquanto injustiças sociais, incompatíveis com esta nova sociedade, teimam em permanecer.

"Um povo que esperou demais a felicidade, mas homens de cabeça levantada e dispostos a combater por um futuro melhor", definiu-o o Presidente da República.

À primeira vista, olhando para a pacatez das ruas, tem-se a impressão de que na Boavista tudo anda sobre rodas. Mas há quem diga que é um recanto esquecido, ao mesmo tempo que outros afirmam serem os problemas dos boavistenses os mesmos de todo o território nacional, com as suas carências e falhas.

Na ronda por entre as dunas, praias e muito sol, da boca das pessoas surgiram muitas interrogações, quanto a problemas que afrontam a ilha e os seus habitantes. Abandonada, vaticinam os mais pessimistas, mas a maioria reconhece os progressos trazidos pela independência. Só não os vê quem não quer ver. Quem, como eu, conhece a Boavista dos anos 60 e princípios de 70, ao voltar à ilha agora não pode deixar de se espantar com as grandes mudanças registadas em todos os aspectos da vida da ilha.

São os diques, as barragens, parte integrante da paisagem da ilha; as escolas e jardins infantis; uma estação de correios com linha automática de telefones; a campanha de alfabetização em curso; um programa integrado para desenvolvimento de Boavista que terminou já a sua primeira fase. Cinema, polivalente, quiosque (em construção) e uma esplanada já em funcionamento. Uma delegação dos assuntos sociais que presta assistência aos mais carenciados. E que dizer do dessalinizador que deixou atrás a salgada água de balão e que agora abastece satisfatoriamente a população da vila e Bofareira? E a elevação do nível cultural dos boavistenses? E a estrada Rabil-Passo de Cónego que ligará a vila à zona Norte de ilha? E o projecto de fixação das dunas que antes invadiam a vila de Sal Rei?

Tudo isso são sinais de progresso trazidos pela independência. Mas como tudo, este desenvolvimento tem os seus "senões". E é aqui onde os boavistenses põem o dedo.

E no desfiar do seu rosário de penas, apontam-nos a saúde, a falta de diversões, os problemas dos trabalhadores da Ultra, dos "catraeiros". Falam-nos de algumas injustiças nas frentes de trabalho e nós aproveitamos para registar as preocupações da Bofareira, localidade que fica tão perto e ao mesmo tempo tão distante da vila.

Saúde:

"Água na balói"

"Saúde na Bubista é modo água na



MJV

balói", afirmam alguns boavistenses. E sabem porquê? Em toda a ilha não há médico (o que lá estava seguiu já doente para a Praia). Também adoeceu o enfermeiro da vila e uma servente é que teve que lhe aplicar o soro. Na ilha só ficou um enfermeiro, no Norte.

E em localidades como a Bofareira nem sequer existe um agente sanitário. Essa localidade fica 45 minutos de carro até a vila, e esse meio de transporte tem de vir da vila, porque na Bofareira não há nenhum. Quer isto dizer que uma criança com diarreia, um cidadão qualquer com apendicite ou uma mulher com um parto difícil tem de vencer a distância a burro que demora umas três horas ou mais. Ou senão mandar um mensageiro que leva duas horas a fazer o trajecto até a vila, mas com passo estugado. E, nesse tempo quanta coisa pode acontecer a quem necessita de cuidados urgentes! Para azar dessa população, o telefone que há muito devia ser instalado na povoação só não o foi ainda por falta de carro que transporte os técnicos do correio.

Os trabalhadores da Ultra só trabalham três ou quatro meses durante um ano. Razões: faltam barcos, os equipamentos da fábrica de conservas de peixe estão deteriorados. Faltam combustível e materiais necessários para o bom desenvolvimento da pesca.

Nos restantes oito meses, esses trabalhadores, que reclamam melhor salário, o que a fábrica não pode fazer pois a produção é ínfima, esperam e confiam que o próximo ano seja di-

ferente, pois o mal é já do conhecimento dos responsáveis nacionais.

Mas talvez tenham maior razão de queixa os "catraeiros" - que fazem, em botes, a ligação entre a terra e os navios ao largo - que até não sabem para quem trabalham:

enquanto trabalhamos? Porque é que eles podem assistir às reuniões do Congresso e nós não? São perguntas que alguns fazem.

Enfim, problemas dos trabalhadores, a força do nosso Cabo Verde novo. Problemas difíceis de aceitar num país como o nosso.



MJV

Jovens e tempos livres

Andam pelas ruas da vila, tomam banho na praia, jogam bisca e uril pelas esquinas, estão nas repartições do Estado, nas empresas raramente. Encontra-se um ou outro com um violão dedilhando as lindas mornas que só a Boavista sabe fazer.

Ah! e falando disso, vai um S.O.S. para os jovens, para que mantenham

a tradição dessa ilha, conhecida como o berço das mornas. Os velhos vão morrendo e levam consigo o segredo da sua arte. Como nos confidenciou o responsável da JAAC-CV, poucos são os jovens que tocam. Mas, segundo ele, pensam abrir uma escola de música e dança (landú).

Saltou-nos à vista uma quantidade apreciável de jovens sem nada que fazer. Não há escolas profissionais (um mal nacional) e os jovens que terminam o ciclo preparatório, cujos pais não têm possibilidades de mandá-los para o Sal, S. Vicente ou Praia, ficam nas ruas das vilas.

Mas, segundo o responsável da juventude, o desemprego na Boavista é um problema de escolha. Muitos não querem ir para as frentes de trabalho ou trabalhar na construção, mesmo sem terem condições para aspirar a algo melhor.

Grande iniciativa da JAAC-CV local, a emissão da rádio-praça todos os dias das 19 horas e 30 minutos até às 22 horas. Todos os jovens da vila, nesse horário pelo menos, já têm onde ir, para ouvir um pouco de música, saber as informações e conversar com os amigos num ambiente são e marcadamente juvenil.

Numa ilha onde não há um cinema (ainda em construção), os filmes que estavam a ser exibidos na sede da OMCV eram, segundo a opinião de muita gente, os "purgantes" que sobravam, depois da escolha dos "melhores" para S. Vicente, Praia e Sal.

Um quiosque que ainda mantém as portas trancadas, enquanto os amentes da leitura (que aumentam, segundo o responsável da JAAC-CV) vagueiam pelas ruas da vila ou recorrem à literatura que lhes chega à mão. E nem sempre é a das melhores. Esse quiosque tinha sido adjudicado à JAAC-CV pelo antigo delegado do Governo, mas como tudo foi só por via verbal, caiu no esquecimento. Mas, segundo o delegado do Governo, espera-se mesas e cadeiras para pô-lo a funcionar. Quando?

A Boavista não é só problemas. É a ilha com a menor taxa de criminalidade e a delinquência juvenil é inexistente. E sem dúvida, apesar dos problemas, o desenvolvimento dos anos da independência já é evidente. Isto depreende-se só de olhar para as casas desta gente simpática e morabi, que está disposta a lutar por um lugar ao sol e a vencer os desafios que lhe impõem estes novos tempos. □

FILOMENA SILVA

**Faça
publicidade
na
TRIBUNA**